

**ENTRE O QUADRO, O GIZ E A BICHA: DISCURSOS QUE (DES)
ALINHAM AS IDENTIDADES NO CURTA-METRAGEM *CUATRO
LUNAS*, DE SERGIO TOVAR VELARDE**

**ENTRE LA PIZARRA, LA TIZA Y LA BICHA: DISCURSOS QUE (DE) ALINEAN
LAS IDENTIDADES EN EL CORTOMETRAJE *CUATRO LUNAS*, DE SERGIO
TOVAR VELARDE**

Clodoaldo Ferreira Fernandes da Silva¹
clodoaldoffernandes.silva@ueg.br
<https://orcid.org/0000-0002-8156-4304>

João Jonas Bueno Rabêlo²
buenodinamico@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9148-188X>

Resumo: Este artigo trata de algumas questões relativas aos discursos presentes na narrativa fílmica *Cuatro Lunas*, de Sergio Tovar Velarde, especialmente na fase da Lua Nova. Neste estudo, propõe-se analisar de que maneira os discursos presentes no filme *Cuatro Lunas* (des) constroem as identidades sexuais de adolescentes, seguindo uma abordagem qualitativa, de cunho interpretativista. A pesquisa tem como base alguns enunciados presentes nas cenas que possibilitam uma compreensão acerca da condição gay e as diferentes práticas discriminatórias em casa e na escola. As análises seguem algumas noções teórico-metodológicas advindas dos princípios da Análise Crítica do Discurso (ACD), especialmente trabalhos que problematizam noções sobre linguagem e sexualidades. Os resultados apontam que ainda há muito preconceito em relação às questões de sexualidade, entretanto, o recorte empreendido sinaliza uma possibilidade de debate frente às complexidades que envolvem a identidade do homem gay no mundo social.

Palavras-chave: Discursos. Identidades sexuais. Linguagem. Narrativa fílmica.

Resumen: Este artículo trata algunas preguntas relacionadas con los discursos presentes en la narrativa cinematográfica de Sergio Tovar Velarde: *Cuatro Lunas*, especialmente durante la fase de Luna Nueva. En este estudio, proponemos analizar cómo los discursos presentes en la película *Cuatro Lunas* (de) construyen las identidades sexuales de los adolescentes, siguiendo un enfoque cualitativo, de naturaleza interpretativa. La investigación se basa en algunas declaraciones presentes en las escenas que permiten comprender la condición gay y las diferentes prácticas discriminatorias en el hogar y en la escuela. Los análisis siguen algunas

¹. Professor Doutor, orientador do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Morrinhos.

² Pós-graduado em "Linguagens e Práticas de Ensino" pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Morrinhos.

nociones teóricas y metodológicas que provienen de los principios del Análisis Crítico del Discurso (ACD), especialmente trabajos que problematizan las nociones sobre el lenguaje y las sexualidades. Los resultados indican que todavía hay muchos prejuicios con respecto a los problemas de sexualidad, sin embargo, el recorte indica una posibilidad de debate frente a las complejidades que rodean la identidad de los hombres gay en el mundo social.

Palabras clave: Discursos. Identidades sexuales. Idioma. Narrativa cinematográfica.

Cenas iniciais

A sexualidade é um assunto que vem sendo tratado por várias áreas do conhecimento e por vários pesquisadores e pensadores contemporâneos. É um campo que vem despertando a atenção e a curiosidade de muitos. A sociedade foi e ainda é muito resistente em aceitar a orientação sexual do outro. Michel Foucault (2010, p. 62) já afirmava que “[a] norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação, a uma espécie de poder normativo.”

Compreender as práticas discursivas que envolvem os seres humanos é algo complexo, tendo em vista os processos de naturalização que envolvem os discursos. Para estudar esses processos, pautamo-nos, nesta investigação, nos rastros teóricos de Michel Foucault (1999, 2010), Norman Fairclough (2001) e Moita Lopes (2002), dentre outros, de maneira a refletirmos um pouco mais sobre questões que envolvem as sexualidades, sobretudo no que tange às homossexualidades.

Nessa linha de raciocínio, a identidade de um adolescente criado dentro da igreja por pais conservadores e que está se descobrindo como um ser homossexual entra como uma das que sofrem muito preconceito e discriminação social. A sociedade tem visões diferentes em relação à homossexualidade. A aceitação de namoros e casamento gays ainda é um grande tabu e um desafio. Um jovem homossexual é uma figura que se afasta da sociedade (FOUCAULT, 1999), pois está naturalizado, nas pessoas, que ser gay é algo errado, é um problema, uma anomalia, até mesmo algo aterrorizante.

Aprendemos desde que nascemos, nas instituições de que fazemos parte – como família, escola e igreja –, que o correto é viver uma vida cisheteronormativa. Vivemos cercados de discursos ditos “normais” ou “anormais”. Com isso, a Análise do Discurso Crítica (doravante ADC) faircloughiana nos ajuda a pensar nos discursos criados pela sociedade e nos problemas que eles podem trazer.

Entre o quadro, o giz e a bicha: discursos que (des) alinham as identidades no curta-metragem *Cuatro Lunas*, de Sergio Tovar Velarde

O filme intitulado *Cuatro Lunas*, corpus de pesquisa de nossa análise, problematiza as relações homoafetivas em diversos momentos da vida humana, retratando-as de acordo com as quatro fases da Lua. Nesta investigação, focaremos na fase da Lua Nova, que narra a história dos primos Oliver e Maurício, os quais descobrem o desejo sexual homoafetivo e enfrentam as dificuldades de uma sociedade homofóbica e machista.

A pesquisa se justifica em virtude do atual cenário social, no qual os adolescentes, que estão começando a sua vida sexual, especialmente aqueles que estão descobrindo as relações homoafetivas, sofrem e são excluídos por grupos sociais como a família e a escola. Nesse sentido, pode-se elucidar a importância da análise proposta, capaz de identificar o preconceito sofrido por adolescentes homoafetivos principalmente no seio familiar e também no ambiente escolar. As contribuições da pesquisa para a sociedade é o respeito às diversidades sexuais na escola e na família, levando pais, alunos, professores e toda comunidade a uma reflexão sobre a importância de respeitar e acolher jovens que estão passando por uma fase de descobertas sexuais homoafetivas.

Dessa maneira, para aprofundar as questões pertinentes a esta pesquisa, sinalizamos que o artigo está organizado, além das cenas iniciais e finais, em mais dois tópicos: (2) “Entre cenas e linguagens: identidades e discursos em foco”, no qual apresentamos definições de identidades e como discursos podem (re) construir a forma que as pessoas se inserem em novas práticas sociais, isto é, nas instituições em que transitam e, por isso, fazem parte; (3) “A construção discursiva acerca da homossexualidade”, em que traçamos uma síntese da forma como as identidades homossexuais são construídas em nossa sociedade. Por último, os tecidos metodológicos e as análises da narrativa fílmica *Cuatro Lunas*, tentando empreender as análises e interpretações dos trechos discursivos.

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar de que maneira os discursos presentes no filme *Cuatro Lunas* (des) constroem as identidades sexuais de adolescentes. Especificamente, pretendemos investigar também possíveis avanços em relação às questões homoafetivas e até que ponto a narrativa fílmica contribui para a promoção de uma democracia sexual em diferentes ambientes da sociedade. Assim, concordamos que a nossa proposta dialoga com o pensador francês Michel Foucault (1999, p. 97), ao apontar que “os

discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia [...]”.

Entre cenas e linguagens: identidades e discursos em foco

A linguagem pode dar o início para a compressão mais adequada da realidade, da verdade e do pensamento humano que interroga essa verdade e é por ela questionado, assim, a expressão humana é o fundamento do pensamento, e não o contrário. A expressão humana é auto reveladora e constrói historicamente o discurso social da humanidade. Dessa forma, não é apenas um instrumento do pensamento, mas um dado constitutivo do mundo humano. Percebemos que há novas tendências acerca da linguagem, que passa a ser transformadora e vanguardista na leitura da realidade do mundo juntamente com as práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2001).

As práticas sociais são fenômenos que ocorrem diária e constantemente em nossas vidas. A linguagem cinematográfica reflete a mesma realidade. Os filmes são mais do que uma forma de alegrar o público ou até mesmo de venda-bilheteria, podendo mostrar uma forma de repressão vivida por determinados grupos sociais, talvez por não seguirem os cânones da sociedade (HIOKA, 2008). Os longas-metragens com linguagem heteronormativa são mais aceitos socialmente; já os filmes com linguagem homoafetiva tendem a sofrer algum tipo de preconceito por parte da sociedade. Isso se deve ao fato de, historicamente, a linguagem heteronormativa ter sido a mais empregada, já que a civilização tem a sua origem em uma sociedade patriarcal, isto é, permeada de discursos pautados sob uma perspectiva normativa, masculinizada e naturalizada.

De acordo com o pensamento faircloughiano, o discurso permeia boa parte das práticas sociais, portanto, o discurso atravessa uma natureza social (FAIRCLOUGH, 2001). Moita Lopes (2002) propõe, em seus estudos, que o discurso atravessa caminhos diferentes e todo enunciado é composto de duas vozes: a do eu e a do outro. A presença do outro diz muito das nossas atitudes em determinado momento e situação. As nossas identidades são construídas por meio de nossas práticas discursivas com o outro. Ademais, é pelo contexto que produzimos determinados discursos. Pode haver, ainda, a criação de identidades na posição de resistência, colocando a pessoa com um sujeito normal, e não anormal. O indivíduo pode apresentar diversas identidades no campo social em que vive (ao mesmo

Entre o quadro, o giz e a bicha: discursos que (des) alinham as identidades no curta-metragem *Cuatro Lunas*, de Sergio Tovar Velarde

tempo pode ser pobre, jovem e gay) e nem sempre as escolhemos, ou seja, isso depende muito das nossas práticas discursivas (MOITA LOPES, 2002).

Na narrativa fílmica *Cuatro Lunas*, especificamente no recorte que fizemos, a fase da Lua Nova, percebe-se que a linguagem é um fator decisivo para a interpretação dos diálogos entre as personagens. Mauricio vai se confessar para o padre e usa a seguinte fala: “¿Es pecado ser gay?”. Oliver usa expressões como: “Eres um maricón”. Os efeitos de sentidos provocados em suas falas tangenciam a insegurança das personagens em relação àquilo que estão vivenciando. Sabemos que por meio das práticas sociais as pessoas (re) constroem linguagens múltiplas importantes para a compreensão dos indivíduos no mundo social. Como explica Norman Fairclough (2001, p. 21), “as afirmações sobre a importância social da linguagem não são novas. A teoria social em décadas recentes atribui à linguagem um lugar mais central na vida social”.

O filme *Cuatro Lunas*, na fase supramencionada, apresenta a relação homoafetiva na adolescência. É bastante perceptível a dificuldade que os primos Mauricio e Oliver têm de construir os seus discursos, pois essa realidade amorosa, ou seja, essa fase de novas descobertas que se lhes apresenta é aterrorizante e assustadora. As proposições discursivas reproduzidas pelas personagens na maioria das vezes se evidencia de maneira truncada. Oliver conversa de forma violenta e Mauricio usa uma forma mais delicada e agradável para conversar com o primo. A linguagem não verbal é também muito comedida e submissa por parte de Mauricio, dando-se basicamente a partir de troca de olhares. Sendo assim, podemos depreender que o discurso é um modo de ação (FAIRCLOUGH, 2001), isto é, uma construção social que movimenta e age no mundo, transformando-o (MOITA LOPES, 2002).

O discurso envolve práticas sociais nas quais os indivíduos podem agir na sociedade e, portanto, de uma pessoa para a outra legitimar uma hegemonia. Nas narrativas fílmicas, talvez os discursos mais aceitos sejam aqueles moldados para os padrões esperados por uma sociedade machista e conservadora, permeada por valores religiosos. Quando Maurício se sente confuso, perdido e até mesmo desesperado por não conseguir vivenciar os sentimentos pelo primo Oliver, procura a religião como consolo para suas angústias, buscando um padre para a confissão. Nesse momento, pergunta se é pecado ser gay e o Padre responde com discursos conservadores como: “Maurício, usted no eres gay”. Para Moita Lopes (2002, p.

44), “[a]s identidades religiosas parecem estar sendo entendidas como sendo escolhidas por pessoas em vez de construídas em práticas discursivas específicas [...]”, ou seja, Maurício se vê como homossexual, quer viver o que está sentindo, porém, enfrenta a repreensão da igreja. Apesar disso, o garoto não deixa de escolher suas identidades e luta para ser o que é.

Vivemos em um mundo em que há discursos preconceituosos e até mesmo autoritários. Acaba que somos rotulados por outros discursos que nos dizem o que é certo e o que é errado, o que pode ser feito e o que não pode ser feito, simplesmente porque há pessoas autorizadas, pertencentes a lugares de poder, autorizadas a dizerem e a determinarem as normas do que é aceito e reconhecido como certo em detrimento do que é tido como errado. São discursos com sentidos de valores de verdade. A partir dessa afirmação, começamos a perceber práticas discriminatórias presentes em certos discursos de cunho social, racial, sexual, dentre outros. O pequeno Maurício acaba sendo considerado um ser “anormal” para o padre, seu pai, seu primo e até para os colegas da escola.

Quando se trata de discursos presentes na escola, não fugimos dos enunciados tidos como aceitos e valorizados. Quando o estudante não encontra o mundo idealizado pela sociedade cisheteronormativa isso é muito conflitante, estabelecendo o tema da sexualidade, que é para a vida toda. Em nossas práticas docentes, percebemos como sofre um aluno cuja sexualidade foge da condição de normalidade proposta pela sociedade ou que está se descobrindo ser homossexual, sendo excluído pelo restante dos colegas e até mesmo por alguns professores. Os profissionais que se inserem no papel de sujeito-educador podem, ao construir as identidades, contribuir até mesmo inconscientemente para ajudar na discriminação de certos alunos (FERNANDES, 2014).

É importante que a escola verifique se o professor ou algum funcionário, ou até mesmo um aluno, está produzindo discursos heteronormativos, ou seja, um discurso de exclusão dos alunos e, inclusive, funcionários que não se encaixam nessa característica. Moita Lopes (2002, p. 52) afirma que “[a] diferença é entendida como intrínseca às pessoas de forma que as restrições sociodiscursivas que constroem as pessoas de uma maneira ou de outra são naturalizadas”. Respeitar o espaço social do outro não é uma tarefa fácil, mas precisa ser colocada em prática pelo grupo social-escola.

A partir desse pensamento, conclui-se que as escolas podem contribuir para que alunos silenciem e escondam suas vontades e opiniões referentes a identidades e sexualidades. Sobre isso, o pesquisador Fernandes (2014, p. 16) afirma que “[...] o ambiente escolar pode ser o

Entre o quadro, o giz e a bicha: discursos que (des) alinham as identidades no curta-metragem *Cuatro Lunas*, de Sergio Tovar Velarde

lugar de repensar o modelo, a referência, já que nesse ambiente, práticas discriminatórias são tidas como naturais e de tanto estarem legitimadas no discurso, não são problematizadas, por isso são aceitas.” Ou seja, a escola precisa discutir mais sobre assuntos relacionados à sexualidade, já que é um espaço social. Os professores carecem de espaços de discussão em que permitam o exercício da cidadania e a promoção do respeito às diferenças e à alteridade de cada um. Não podemos mais pensar em uma escola conservadora e tradicional, como as de séculos passados, precisamos pensar em um espaço escolar que saiba deixar o conteúdo didático um pouco de lado em determinadas situações e ensinar o que nunca ensinaram, fazendo com que o aluno saia desse ambiente mais humano.

As instituições escolares representam um papel precioso e fundamental para a construção de identidades. É importante tomar cuidado ao reproduzir discursos para que eles não silenciem certas identidades. Grupos considerados minorias, tais como negros, gordos, gays e pobres, acabam sendo excluídos da sociedade. O aluno homossexual, considerado um sujeito desviante (FOUCAULT, 2010), é um exemplo de persistência e resistência no ambiente escolar. Sabemos que a escola é um local de práticas sociais que envolvem os discursos. Nesse ambiente podem circular elementos que favoreçam a cidadania e nos ensinem a lidar com o diferente, já que a sociedade cisheteronormativa considera o “anormal” uma categoria a ser policiada, categorizada e, por isso, classificada (FOUCAULT, 2010), tendo em vista que o modo de vida gay tangencia aspectos relacionados à condição sexual e afetiva, aos atributos e práticas ligados ao prazer, por isso, muitas vezes há um desencontro dos sentidos construídos discursivamente em torno da procriação. Jardins (2016) entende que, quando se fala em cis heteronormatividade, a cisgeneridade e a heterossexualidade sempre controlam as nossas vidas. Para a autora, a cis heteronormatividade diz respeito a regras impostas pela sociedade, nas quais as pessoas nascem homem ou mulher e aceitam essa condição de gostar apenas do sexo oposto.

É na nossa família que temos a primeira interação social. É nela que aprendemos os sistemas de crenças e valores que nos envolvem por toda as práticas sociais futuras, mas é importante lembrarmos que somos constituídos de formas diferentes e que nem todos os indivíduos desse campo social serão iguais. Em relação ao nosso objeto de estudo, percebemos que o pai de Maurício se mostra um homem conservador, autoritário e que segue

as regras da igreja. Para ele, tudo o que foge à heteronormatividade, ou seja, tudo que for desviante, segundo esses padrões, é considerado algo anormal, que não é de Deus. Um exemplo disso é a sexualidade de seu filho, o pai tem sérias dificuldades em aceitar a condição sexual do seu primogênito, ou seja, ele deveria se espelhar no patriarca e seguir a vida com os mesmos padrões. De acordo com as cenas do filme, Mauricio deveria se casar com uma mulher e constituir uma família, assim como seu pai fez. Na narrativa fílmica, há cenas que mostram como o pai de Maurício era autoritário, às vezes reproduzindo o discurso que aprendeu com seu próprio pai, carregando consigo várias memórias. Com isso queremos dizer que “as identidades sociais não estão no indivíduo, mas emergem na interação entre os indivíduos” (MOITA LOPES, 2002, p. 37).

Cada sujeito carrega consigo ideologias diferentes, bem como visões de mundo distintas. Desse modo, em uma família conservadora e religiosa, ter um filho homossexual seria visto como uma monstruosidade. Os discursos sempre estão sendo construídos por nós mesmos e por nossos interlocutores (MOITA LOPES, 2002), o que significa que se o pai de Mauricio usa um discurso preconceituoso em relação aos homossexuais, a mãe pode ter pensamentos diferentes e isso pode gerar conflitos ainda maiores na identidade do filho.

É por meio das identidades que conseguimos individualizar as pessoas; ademais, cada um carrega consigo particularidades diferentes. Norman Fairclough (2001, p. 92) explica que “[a] função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso [...]”. O indivíduo, portanto, é um ser que vive em sociedade e é o próprio autor de sua construção, mas nem sempre pode mostrar suas opiniões e desejos por pressão de uma sociedade machista e autoritária.

Para o indivíduo transgredir e começar a viver sua própria identidade é importante ter o apoio familiar, por isso as reflexões acerca da identidade variam constantemente. O pai de Mauricio, ao perceber o sofrimento do filho por se descobrir homossexual, reconstrói sua própria identidade como pai, bem como seus discursos conservadores para poder ajudar o filho. O pai começa a respeitar a identidade do filho e a ensiná-lo a se defender e a se proteger do mundo. Seu sábio conselho de pai permeia o discurso. Ilustramos essa mudança de postura do pai de Mauricio quando Moita Lopes (2002, p. 36) nos aponta que “[o]s processos discursivos constroem certas identidades para terem voz na sociedade embora estas possam se alterar em épocas e espaços diferentes”.

Entre o quadro, o giz e a bicha: discursos que (des) alinham as identidades no curta-metragem *Cuatro Lunas*, de Sergio Tovar Velarde

Discursos preconceituosos ainda fazem parte da sociedade devido à preocupação com aquilo que os outros vão dizer. É importante entendermos as questões de identidade em relação às formas de conexão com o mundo e saber respeitar as diferenças sexuais. Sobre isso, Fernandes (2014, p. 16) afirma que

[...] vivemos em um mundo moderno, onde questões identitárias não poderiam mais ser motivo para a promoção de atitudes de cunho discriminatório; entretanto, o que realmente ocorre é o inverso, pois aceitar a alteridade pressupõe problematizar os muitos aparelhos que produzem a discriminação numa lógica ideológica e para que haja esse questionamento, as identidades periféricas devem ser trazidas para o centro da agenda social.

Dessa forma, a cisheteronormatividade prega um discurso único como sendo um discurso normal, correto e natural e que deve ser seguido no mundo. Porém, há várias formas de estar no mundo. Não existe um padrão a ser seguido. As classes dominadas são marginalizadas e recentemente na história humana vem lutando para conquistar seus direitos e espaço na sociedade.

A construção discursiva acerca da homossexualidade

Ainda vivemos dias em que, ao falarmos sobre sexualidade, as pessoas repelem o assunto ou até mesmo tentam fugir para evitar comentários. Ao pensarmos numa historicidade, podemos recorrer, por exemplo, ao século XVII. Seguindo as lentes discursivas foucaultianas, compreendemos que o falar sobre o sexo nesse período subjaz a ideia de submissão e repressão. Confirmamos essa afirmação com as palavras do pensador francês Foucault (1999, p. 21), para quem o “século XVII: seria o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados”. Portanto, falar sobre sexo nessa época seria ainda mais resistente e complicado. O século XVII também é um construto discursivo do sodomita, uma categorização produzida pela igreja, que condenava qualquer ser que tivesse práticas sexuais consideradas fora dos padrões religiosos.

Já no século XVIII percebemos que o assunto da sexualidade ainda era muito obscuro. As pessoas que viveram nesse período não podiam mostrar desejo pelo outro, ou seja, o sexo

era apenas para procriar. A hipocrisia social não deixa que as pessoas sejam o que elas realmente são e não permite que mostremos nossos pensamentos e ações no mundo. Contudo, começa a surgir uma série de discursos sobre sexualidade, talvez pelas relações de poder estabelecidas por certas instituições sociais, como a igreja e a escola, que queriam apenas controlar as pessoas, e não proibir e controlar os desejos dos corpos (FOUCAULT, 1999).

A homossexualidade está presente em várias espécies da natureza e também na humana. Para muitas pessoas, a homossexualidade é vista como uma patologia, ou seja, os indivíduos que não se encaixam no padrão precisam de tratamento médico. No decorrer da história, múltiplos sentidos foram atribuídos àqueles que não se enquadravam à norma ou à categoria sexual considerada adequada. Os homossexuais foram chamados de pederastas e sodomitas e a igreja detinha um lugar de poder na produção de discursos considerados “normais”.

Há relatos históricos de indivíduos homossexuais em diferentes sociedades, tendo sido eles, em quase toda a história humana, discriminados, excluídos e até perseguidos em nome de uma moral heteronormativa. Sobre isso, Fernandes (2014, p. 26), apoiado em Michel Foucault, aponta que o “sujeito homossexual nasce discursivamente em 1870 com a publicação do artigo “Arquivo para doenças nervosas e psiquiatria”, de Karl Westphal. Podemos compreender que é no próprio século XIX que a homossexualidade começa a ser vista como algo “anormal”, patológico e até mesmo como uma prática que poderia levar à condenação. É a partir daí que é transferida a figura do sodomita para homossexual (FOUCAULT, 1999). Nesse mesmo período a figura do homossexual começa a existir, pois até então o sujeito discursivo homossexual não tinha voz ou não era reconhecido.

É no século XIX, portanto, que começam a aparecer as verdades sobre a homossexualidade e as ciências bio psi – psiquiatria, psicanálise e psicologia –, começaram a estudar o comportamento dos homossexuais, esse grupo excluído até então excluído. Acreditavam que as ciências conseguiriam “curar” esses seres “anormais”, patológicos. Em meados do século XIX, a homossexualidade chegou a ser discutida por psicólogos e psiquiatras como uma doença genética. Sobre isso, Michel Foucault (1999, p. 112) se pronuncia: “[...] faça-se uma busca na genealogia de um exibicionista ou de um homossexual e se encontrará um ancestral hemiplégico, um genitor tísico ou um tio com demência senil [...]”. Os médicos pesquisavam e faziam exames nos indivíduos homossexuais para ver se

Entre o quadro, o giz e a bicha: discursos que (des) alinham as identidades no curta-metragem *Cuatro Lunas*, de Sergio Tovar Velarde

alguém da família foi/é homossexual, fato que explicaria a “anormalidade” de algumas pessoas.

Apesar de haver uma exclusão em quase toda a totalidade da história, na maioria das vezes houve indivíduos homossexuais que tentaram dar voz ao que de fato eram e assim construir o seu próprio discurso, mas recentemente, na história humana, a partir do século XX, especificamente, inúmeros pensadores se debruçam sobre a temática da homossexualidade, dentre eles Foucault (1999, 2010), com as obras *História da Sexualidade I: A vontade de saber* e *Os anormais*, buscando criar respaldo acadêmico e científico de que tais características dos humanos não configuram doença ou desvio e, então, não há necessidade de cura ou tratamento, e sim de entendimento e respeito dessas pessoas. Algumas pessoas conservadoras e tradicionais acabam rotulando os homossexuais como anormais e até mesmo indivíduos monstruosos. Para comprovar a afirmação anterior, Foucault (2010, p. 70) diz que “o monstro é uma infração que se coloca automaticamente fora da lei, e esse é um dos primeiros equívocos”.

Ao contrário das sociedades anteriores, na contemporânea os indivíduos homossexuais também buscam não mais se esconder ou fazer parte dos discursos cisheteronormativos, que procuram construir a sua própria identidade e moldar o seu discurso, percebendo que são seres-no-mundo assim como os demais representantes da espécie humana. Dessa maneira, de acordo com Foucault (2010), o indivíduo que precisa ser corrigido para entrar nos padrões da sociedade não tem correção.

A narrativa fílmica *Cuatro Lunas* trabalha a temática de pessoas homossexuais em diferentes fases da vida e diferentes estágios de compreensão e construção de seu discurso homossexual.

Na fase da Lua Nova, os primos Mauricio e Oliver começam a descobrir desejos sexuais um pelo outro. Mauricio, apesar de não compreender direito o que está vivendo, tem mais consciência de seus sentimentos em relação ao primo. Oliver tem enraizados, em si mesmo, discursos aparentemente homofóbicos disseminados pela sociedade e, portanto, não sabe reagir ao carinho que o primo dispensa a ele, preferindo repetir os preconceitos consolidados pelo meio social. Como exemplos desses discursos, Oliver, na escola, conversa com seus colegas sobre a sexualidade de Mauricio de forma depreciativa, exemplificado nas

falas: “Porque ele é bicha”, “vou te ensinar a ser homem”, “Por que você está vindo em banheiro de homem?”.

O jovem, ao descobrir a sua homossexualidade na adolescência, enfrenta, como primeira barreira de preconceito, a família e os discursos machistas e autoritários do pai. Foucault (2010, p. 322) já afirmava que “a família é que vai ser princípio de determinação, de discriminação da sexualidade, e também o princípio de correção do anormal”. Ao longo da história humana os discursos preconceituosos das famílias tradicionais, conservadoras e religiosas, não permitiam que os indivíduos da família fugissem do padrão heteronormativo. Maurício, mesmo sendo imaturo e inseguro, consegue fazer com que o pai perceba que há outras possibilidades de ser-no-mundo, conseguindo com que o progenitor mudasse de perspectiva e de discursos.

Felizmente há pessoas como Maurício, que conseguem transgredir as regras sociais pré-estabelecidas e (des) constroem o seu discurso, se posicionando no mundo da forma como são; no entanto, também existem pessoas como Oliver, que não conseguem afrontar o meio social em que estão inseridos e preferem repetir o discurso de ódio e preconceito contra os sujeitos homossexuais.

Tecidos metodológicos e análise da narrativa fílmica *cuatro lunas*

A narrativa fílmica *Cuatro Lunas* é composta por quatro histórias de drama de amor homossexual, que levam o espectador a uma série de inquietações e reflexões. O enredo do filme está dividido de acordo com as quatro fases da Lua, representando quatro histórias de amor. A lua é tida, em nossa sociedade, como algo que compõe nossas emoções. Cada história de amor apresentada tem as suas angústias, descobertas e muito amor envolvido por parte de pelo menos um dos parceiros.

Nesse subitem, realizamos a análise de nosso *corpus* seguindo a orientação da ADC e as reflexões foucaultianas acerca das pessoas consideradas “desviantes” e “anormais”. Esta pesquisa se constitui sob o ponto de vista qualitativo e interpretativista. A análise, como já dito, se baseia na narrativa fílmica *Cuatro Lunas*, com foco na história de amor entre os primos Mauricio e Oliver, situada nas cenas que envolvem a fase da lua nova. Serão analisados discursos materializados pelas personagens em alguns excertos, de maneira a alcançar os objetivos desta investigação. Para isso, elencamos duas categorias, a saber: (1) as

Entre o quadro, o giz e a bicha: discursos que (des) alinham as identidades no curta-metragem *Cuatro Lunas*, de Sergio Tovar Velarde

descobertas homoafetivas de um adolescente criado com princípios religiosos; (2) os discursos de ódio e preconceito reproduzidos por Oliver.

Categoria 1: As descobertas homoafetivas de um adolescente criado com princípios religiosos

Excerto 1:

Padre, é pecado ser gay? (Cena em que Maurício vai se confessar, buscando uma ajuda espiritual na tentativa de amenizar seu sentimento de culpa).

Mauricio, usted no eres gay! (Cena que mostra o padre dizendo a Mauricio para que ele fique tranquilo porque não é gay)

Figura 1 – Maurício perguntando ao padre se é pecado ser homossexual



Fonte: “Cuatro Lunas”, direção de Sergio Tovar Velarde.

Na imagem acima, podemos perceber a materialização linguístico-discursiva capturada no discurso do padre e na pergunta de Maurício e afirmamos que a igreja continua sendo, no século XXI, uma instituição totalmente conservadora, que prega, em algumas situações, discursos de ódio e preconceito ao próximo.

Após Mauricio apresentar questionamentos sobre ser gay, o padre lhe responde com um discurso totalmente conservador e autoritário, como supracitado. Ao responder dizendo que o jovem não é gay, a instituição religiosa materializada pelo padre sinaliza que ainda pode produzir discursos com valor de verdade (MOITA LOPES, 2006), uma vez que conhece a

família de Maurício. Dessa forma, entendemos o quanto o discurso pode moldar ações no mundo social (FAIRCLOUGH, 2001), estabelecendo um sentido que produz verdades em determinado tempo e espaço histórico.

Maurício tem aproximadamente 11 anos e está descobrindo seus desejos sexuais. Por ser muito jovem, não consegue lidar com suas vontades e acaba sofrendo muito. O mais lamentável é perceber que Maurício se culpa e acaba procurando a igreja como uma forma de se sentir menos culpado e errado. Essa relação entre a culpa e o desejo está muito relacionada ao que Foucault (2010) discute sobre o controle dos nossos desejos e o sexo administrado. A igreja tem um significado discursivo que acaba por moralizar os corpos, aprisionando nossas subjetividades. Ela faz isso porque visa uma perpetuação secularizada de poder.

Na cena em que Maurício vai se confessar, percebemos que o adolescente homossexual sofre muito e não consegue controlar seus sentimentos e atitudes, provavelmente pela falta de maturidade e apoio familiar. Para Foucault (2010), a família é a instituição primeira que nos ensina modos de vida, práticas de normalidade que se legitimam a moldar e a controlar as práticas que envolvem as sexualidades. Maurício, ao se confessar, faz a pergunta para o padre por meio de um discurso carregado de memórias conservadoras.

O pequeno garoto sabe que seu primo gosta de jogos e reluta, quando em casa, para conseguir o jogo *Street Fighter* de última geração, faz de tudo para agradar ao seu primo. O adolescente sofre calado e tenta lutar por seu amor, mas o primo não o trata com o coração aberto como Maurício.

Categoria 2: Discursos de ódio e preconceito reproduzidos por Oliver

Sabe-se que muitos carregam consigo discursos de ódio e preconceito. Esses sentimentos, em algumas situações, são transferidos para a crianças e para o adolescente pela própria família. No excerto abaixo, percebe-se a angústia de Maurício ao receber insultos e agressões do primo Oliver e de seus amigos.

Excerto 2

— Bicha!

— Gay!

— Por que você está usando banheiro de homem?

— Você deve ir ao banheiro da mulher.

— Você foi ao banheiro masculino para ver se podia pegar em alguém, certo?

(Cena que mostra Oliver insultando e agredindo o primo na escola e perto dos colegas)

Entre o quadro, o giz e a bicha: discursos que (des) alinham as identidades no curta-metragem *Cuatro Lunas*, de Sergio Tovar Velarde

Figura 2 – Oliver dizendo que Maurício deveria usar o banheiro feminino



Fonte: *Cuatro Lunas*, direção de Sergio Tovar Velarde.

Figura 3 – Oliver contestando o primo novamente



Fonte: *Cuatro Lunas*, direção de Sergio Tovar Velarde.

Figura 4 – Maurício pedindo para que Oliver e os amigos o deixem em paz



Fonte: *Cuatro Lunas*, direção de Sergio Tovar Velarde.

Nas cenas acima, percebemos o preconceito enraizado de Oliver. Em suas discursividades materializadas no olhar e gestos, podemos entender que ele está reverberando um discurso totalmente machista em relação ao primo. O primo mais velho usa palavras como “maricón” para se referir ao garoto diante de alguns colegas da escola. É uma tentativa de se sentir mais homem diante de uma sociedade conservadora e patriarcal. O banheiro público também é alvo de descobertas sexuais: quando Oliver diz que Mauricio não pode usar o banheiro de homens o faz insinuando que o adolescente entraria no banheiro apenas para dar em cima dos rapazes.

Para Costa Neto (2005), o banheiro é uma chance de o indivíduo mostrar seus desejos sexuais e carnis por pessoas do mesmo sexo, ou seja, passa a ser um ponto de encontros sexuais, um lugar que discursiviza o paradoxo entre o prazer, o sujo, o proibido. Esse ambiente, aponta-nos o autor (2005), carrega sentidos historicizados que categorizam, classificam, policiam tudo que não é considerado a norma. Afinal, esse ambiente se institui como uma normalização dos dejetos, daquilo que não presta e, por isso, é execrado, ainda que se configure em um lugar que serve para a higiene pessoal.

Para ilustrar melhor as ideias desse tópico, vale ressaltar que nas cenas do filme, em uma noite de jantar, Oliver e seus pais vão até a casa de Maurício, como de costume. Enquanto os adultos vão conversar, os primos vão jogar no quarto. Mauricio tenta tocar no primo e descobrir os desejos e este aparentemente parece gostar daquela situação e mostra ter prazer, mas reprime seu primo e corre para a sala. Podemos observar que os discursos são proferidos não apenas por vocábulos, ou seja, eles também podem ser percebidos pelo toque e pelo cheiro (FIGUEIRA-BORGES, 2018), isto é, os gestos são discursivizados nestes corpos.

Cenas finais

Logo após as análises empreendidas nos tópicos anteriores chegamos às cenas finais no intuito de arrematar os nossos fios discursivos. Ao retomar a nossa indagação inicial – pensar até que ponto a narrativa fílmica contribui para a promoção de uma democracia sexual em diferentes ambientes da sociedade –, compreendemos que obras cinematográficas, principalmente aquelas que tem como enredo a sexualidade, podem fazer com que as pessoas tenham um olhar diferente para aqueles considerados “anormais”. As cenas fortes de discriminação e preconceito sexual podem fazer com que as pessoas (re) construam seus

Entre o quadro, o giz e a bicha: discursos que (des) alinham as identidades no curta-metragem *Cuatro Lunas*, de Sergio Tovar Velarde

pensamentos. Infelizmente, ainda percebemos que o sujeito homossexual continua sendo considerado fora dos padrões da “normalidade”, excluídos, por inúmeras vezes, por pessoas que se consideram “normais”.

Embora inicialmente, nas cenas iniciais, tenhamos nos proposto a analisar supostos discursos preconceituosos presentes na narrativa fílmica “Cuatro Lunas”, nos deparamos com uma mudança no pensamento e no discurso do pai de Mauricio, às vezes por ter entendido que pai é aquele que apoia, protege e dá amor, havendo mães, avós e tios que são pais transexuais. É lindo ver a última cena que o genitor ensina o filho a se proteger contra agressões físicas por ser homossexual. Por outro lado, há resistência a um discurso marcado por preconceito e machismo, usado por Oliver, chamando o primo Mauricio de “Mulherzinha”, “Viadinho” e até mesmo de “Bicha”.

Não é fácil dar a cara a tapa e viver o que realmente é. As identidades transviadas são tidas como péssima influência para as famílias consideradas tradicionais, o que aumenta ainda mais o preconceito e os discursos de raiva por aqueles considerados “anormais”. Percebemos que é muito mais fácil excluir aqueles que supostamente ameaçam a sociedade do que apoiá-los e respeitar o espaço social de cada um, bem como gostos, vontades e condição sexual.

Muitos adolescentes sofrem por não conseguirem expressar seus sentimentos; a verdade é escurecida em seus corações. Todas as vezes em que ouço a canção Teatro dos Vampiros, de Renato Russo, penso que a voz poética pode ser a de um jovem que sofre e não consegue falar, se expressa e, acima de tudo, está pedindo por ajuda e socorro. Vale a pena refletir: “Sempre precisei de um pouco de atenção / acho que não sei quem sou / só sei do que não gosto / e destes dias tão estranhos / fica a poeira se escondendo pelos cantos [...]”.

O que me entristeceu nesta pesquisa foi perceber que Oliver representa inúmeros jovens que têm desejo homoafetivo e não têm coragem de se assumir, talvez por discursos e memórias que carregam consigo e os atravessam, reverberando em suas entranhas, rasgando as suas carnes. Oliver preferiu proferir discursos de ódio e discriminar o primo socialmente, cena que vemos na escola na qual os primos estudavam. Oliver fazia questão de insultar o primo com termos pejorativos, ofensivos e até abusivos perto dos amigos. Quando usava esses discursos, Oliver provavelmente se sentia mais aliviado, afinal, penso que possa ser uma fuga.

O filme é uma ficção, mas traz temas do cotidiano das pessoas e pode muito bem representar a nossa realidade, já que os discursos moldam as nossas vidas e materializam o que somos no mundo (FAIRCLOUGH, 2001; MOITA LOPES, 2002). A homossexualidade ainda é vista como algo nojento, errado e que não pertence a Deus, como muitos discursos empregados por instituições religiosas. Lamentável é depreender que muitos jovens silenciam seus desejos por medo e por repressão de pessoas e instituições que se acham no direito de controlar nossas vidas. Saber que muitos jovens homossexuais são mortos diariamente por tentarem ter voz ativa na sociedade nos parte o coração. É tão simples as pessoas aprenderem a respeitar a escolha do outro. Se não é com você, deixe o outro ser quem ele quer ser.

Ressalto que a escola precisa trabalhar ainda mais por uma democracia que respeite as diferenças e ensine os estudantes que vivemos em um mundo cheio de culturas, gostos, vontades diferentes, ou seja, o educador pode ajudar a combater qualquer vestígio de preconceito. As famílias tradicionais também precisam repensar seus conceitos e abraçar seus filhos e filhas quando eles se sentem silenciados pela sociedade. O amor, a confiança e o apoio começa em casa. Assim, o nosso desejo é que outros Oliveres possam aprender a respeitar o direito à existência do outro para que não tenhamos Maurícios que se tornem alvos de práticas discriminatórias e de exclusão.

Encerramos esse artigo apropriando-nos de Renato Russo, pois suas evocações musicais aproximam-nos de um mundo possível e melhor. Nossa intenção, ao trazê-lo, é convidar os leitores para que atribuam novos sentidos e experiências na e para a vida, afinal, “é preciso amar as pessoas / como se não houvesse amanhã / por que se você parar pra pensar / na verdade não há [...]...”.

... E as cenas da vida continuam... porque novas narrativas precisam ser contadas, ainda que haja muita luta e resistência.... É preciso reivindicar o direito à Existência...

Referências

- BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005

Entre o quadro, o giz e a bicha: discursos que (des) alinham as identidades no curta-metragem *Cuatro Lunas*, de Sergio Tovar Velarde

- COSTA, Lucas Piter Alves. **A ADC Faircloughiana: concepção e reflexão**. Viçosa, MG: UFV, 2013.
- COSTA NETO, Francisco Sales da. **Banheiros públicos: os bastidores das práticas sexuais**. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FERNANDES, Clodoaldo Ferreira. **Diversidade sexual na escola: o “normal” e o “anormal” em discursos de professores**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Anápolis, Anápolis, 2014.
- FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. **Corpo Gay, construção do olhar e espaço escolar**. periodicos.uesb.br > Capa > Vol. 13, N. 13.2018.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica de J. A. Guilhaon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HIOKA, Luciana. **A subversão da heteronormatividade no filme *O Segredo de Brokeback Mountain***. 2008. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras/Inglês e Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2008.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma linguística aplicada interdisciplinar**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2006.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Identidades fragmentadas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

*Recebido: 29 de novembro
Aprovado: 15 de dezembro*